ENERGIA, SABER E SONHO

(Polos do alvorecer de um novo humanismo que já tarda: *o* HUMANISMO TÉCNICO *de amanhã*)

ANTÓNIO DE MAGALHÃES RAMALHO
Engenheiro Mecânico e Electrotécnico (I. S. T.)

Solicitou-me a Direcção da «Electricidade», por forma tão simpática, que escrevesse algumas palavras para a revista, que me senti na obrigação de o fazer, muito embora hesitasse bastante na natureza do tema a tratar.

Dada a minha formação pessoal e a experiência adquirida no importante sector que há pouco abandonei, talvez se esperasse e em rigor me devesse ocupar de assunto mais conforme com a índole desta publicação.

Ouve-se, porém, tanta vez — sobretudo entre nós — fazer ainda tais queixas contra a técnica e o saber modernos, como principais culpados da confusão espiritual em que o mundo se debate, que não resisti à tentação de invadir um campo que a muitos poderá parecer estranho, mas que se se reparar, está na base de todo o equilíbrio e progresso futuros — senão até da própria sobrevivência — da forma de civilização em que vivemos e que apresenta francos sintomas de uma grave crise de crescimento.

Se os filósofos e os políticos se mostram tão embaraçados em interpretar e dar uma resposta satisfatória ao intenso drama de inquietação humana por que essa crise se manifesta, talvez seja então chegada a hora de nós os técnicos — esses seres sem alma e sem coração, no dizer de alguns — começarmos também a pensar no assunto e, pondo os nossos desajeitados dedos na ferida, ajudarmos a resolver, pela análise científica o que, por outros meios, se apresenta com tão difícil solução, pelo menos com a presteza que se impõe.

Quem daqui a alguns séculos se dedicar à história da Humanidade verificará, sem esforço, que, de harmonia com as leis biológicas e da sobrevivência das espécies a evolução do homem, considerada como um todo, se fez sempre no sentido do seu aperfeiçoamento e que as fronteiras naturais de algumas das mais decisivas épocas dessa mesma evolução se confundiram, frequentemente, com descobertas ou estruturas político-económicas permitindo uma mais larga utilização da energia. Notará, assim, que o conhecimento do fogo e dos segredos do átomo, sobretudo, a cerca de 50 000 anos de distância um do outro ficaram a delimitar três grandes estádios decisivos de civilização: o pré-histórico ou do alvorecer do homem como ser racional, o da sua expansão na Terra e o da sua projecção cósmica, espacial ou pròpriamente universal.

É evidente que tão gigantescos saltos no domínio da energia e da razão não poderiam nunca ser dados sem prévia, lenta e dolorosíssima gestação nos campos do saber e do sonho, já que a verificação da existência de novas formas de energia, por si só, não permitiria o respectivo usufruto e este — até ao momento de esgotamento das possibilidades de desenvolvimento do homem como espécie, na sua feição actual — exigirá sempre um cada vez mais largo capital de sonho, entendendo-se como tal a constante inquietação da humanidade perante os problemas do seu ser espiritual e social e os rumos do seu destino.

Daí poder afirmar-se que, desde que, pelo uso do fogo e dos primeiros rudimentos do pensamento e da técnica, o homem começou a libertar-se das sombras milenárias da animalidade, a energia, o saber e o sonho nunca mais deixaram de acompanhar todo o complexo processo da sua ascensão e resgate através dos tempos e de tal modo que são eles que, em última análise, caracterizam e pautam o ritmo da vida material e espiritual de cada época e que, quando em conflito, inadaptados ou em desiquilíbrio, provocam os distúrbios de crescimento que a história das civilizações regista e de que o momento actual nos dá um dos mais expressivos exemplos.

É assim, efectivamente, que, enquanto não descobre o fogo — a primeira modalidade de energia estranha a si próprio que parece ter conseguido captar e pôr ao seu serviço —, o homem não é mais do que um animal com instrumentos, em vez de presas e garras, e o seu mundo a pouco mais se restringe do que à família e à selva em que vivia: o sonho, se existia, não ia além das primeiras virtuosidades artísticas no trabalho da pedra e do osso, numa ou noutra gravura ou pintura nas paredes da caverna que habitava ou do simbolismo mágico-religioso dos primitivos ritos.

Ao clarão do fogo é, porém, toda uma arrancada heróica e maravilhosa de expansão terrena e libertação material e espiritual para que desperta, a que

o saber vai sempre servindo de base e o sonho exaltando e dando norte. Com o auxílio dos metais e de novas fontes de energia — a domesticação dos animais, as técnicas do uso do vento e das águas, a escravatura — mais imediatamente disponíveis e adaptadas às circunstâncias e cultura de cada momento, o homem vai sucessivamente galgando os tempos proto-históricos e o pórtico das grandes civilizações. Alargando as fronteiras do saber lança-se à descoberta do mundo em que vive e estabelece as primeiras hipóteses de estruturação física do universo em que se integra. Sonhando, produz no campo da filosofia, da literatura e da arte obras primas das mais altas que a história da humanidade regista e — milagre dos milagres! — em plena época de classes duramente diferenciadas e em que a escravidão era base de toda uma estrutura social e económica, atreve-se a afirmar a igualdade e a liberdade dos homens perante Deus e os outros homens, que, se são seus irmãos, são também seus concorrentes no usufruto dos bens terrenos, tràgicamente sempre insuficientes para a sua ilimitada ambição.

E, nesse estado de alma, de inquietação em inquietação, em que esse dilema espírito-carne, está sempre presente, chega até aos nossos dias. Continuando a esquecer-se da lição de há dois mil anos, por estranha aberração quase volta a aceitar como natural mais uma nova escravidão: agora a de si próprio e do seu semelhante pela máquina, inventada precisamente para o aliviar e libertar!

«Laissez faire — laissez passer», taylorismo, fordismo, muito mesmo de certo conteúdo de consciência que está por detrás de alguns dos conceitos modernos sobre produtividade todas eles surgem, na verdade, mais ou menos sempre impregnados da preocupação exclusiva do lucro em si mesmo como fim último. Como ela carece, porém, de um suporte de sonho para poder responder às inquietações e problemas das sociedades de hoje e de amanhã, cada vez menos se poderá fugir, no futuro, à já hoje gritante realidade de que se se não pode conceber nenhum progresso humano sem técnica, esta porém, só terá razão de ser e conseguirá efectivamente subsistir na medida em que servir esse mesmo progresso, isto é, a própria Humanidade nos seus mais altos anseios de liberdade, segurança, beleza, amor e ideal. Numa palavra e como pitorescamente GABRIEL VERALDI o caricaturou no seu curioso e recente ensaio sobre o humanismo técnico:

«Le rôle de l'homme n'est pas de s'intégrer à une machine, à la façon d'un écureuil galopant dans un tournebroche. Sa fonction naturelle est d'inventer le tournebroche electrique, et de lire Spinoza pendant que cuit le poulet .....».

«Il n'y a pas, il n'y a sans doute jamais eu, d'idéal plus grand, plus précis, plus évident que celui d'arracher l'humanité à la misère et à l'angoisse.»

Porque se olvidou essa verdade e os filósofos e os políticos se não mostraram capazes de promover, neste século de ciência e de grandes sínteses, uma harmoniosa integração do progresso técnico no quadro sempre eterno das preocupações humanísticas é que tal como no final do século IV, quando as invasões batiam já à porta de Roma, nós poderíamos hoje apostrofar como S. Jerónimo: o que fez a força dos bárbaros foram os nossos erros!

Por igual motivo, quando pela descoberta do segredos do átomo, se nos abrem perspectivas alucinantes de energia e saber, que nos fazem tremer pela sorte do mundo e da civilização, *por a nossa capacidade de sonho as não ter acompanhado*, é ainda o mesmo problema que está de pé e que, se não fôr resolvido, nos poderá conduzir novamente aos tempos do caos original, ou aos do Apocalipse.

Sonhar sonhar e atingir algo de mais nobre que nos falta ainda para que volte a restabelecer-se depressa aquele equilíbrio do sistema *energia, saber e sonho* que comanda, como se disse, desde há 50 000 anos, toda a estabilidade e impulso das sociedades humanas com rumo ao seu destino, é pois imperativo a que dificilmente se poderá furtar o mundo de hoje, se verdadeiramente quiser sobreviver e encaminhar com felicidade e segurança os seus passos para as alvoradas do amanhã.

Como nunca, soam aos ouvidos de uma humanidade em crise de ideal, e paradoxalmente sedenta desse mesmo ideal, aquelas palavras de PASTEUR:

«La grandeur des actions humaines se mesure à l'inspiration qui les fait naître. Heureux celui qui porte en soi un dieu, un idéal de la beauté et qui lui obéit: Idéal de l'art, idéal de la science, idéal de la patrie, idéal des vertus de l'Evangile! Ce sont là les sources vives des grandes pensées et des grandes actions. Toutes s'éclairent des reflets de l'Infini.»

No limiar de uma era em que, qual outro Ícaro, vais desferir novos vôos em busca de outros mundos, cujos segredos só irás desvendar mercê do conhecimento de concentrações de energia e de saber de que nunca dantes suspeitaste, podes pois, partir — oh Homem! — se assim o desejares, desprezando o apelo à harmonia de ti mesmo e das leis imutáveis da vida em que te integras.

Eterno sequioso do belo, da justiça, do amor e do ideal tu voltarás, porém, sempre só, terrìvelmente só e insatisfeito, porque os não encontraste algures nesse Universo em expansão que devassaste: eles moravam afinal em ti próprio, o grande esquecido e o trágico mutilado da hora cósmica que vais viver, se o não tiveres compreendido a tempo!

Se, no entanto, verdadeiramente já o pressentiste — e porque «não há momento mais escuro do que o que precede a madrugada», — todo o sofrimento e confusão em que presentemente te debates não será mais do que o dealbar e gestação de um novo humanismo — O HUMANISMO TÉCNICO — que irá integrar todo o teu sonho e o teu esforço nessa outra grande época de «Renascença» que se aproxima, talvez a mais bela que algum dia pudesses ter vivido.

Ressuscita assim, mais uma vez, pela razão e pelo amor de ti próprio e do teu semelhante, das misérias da morte a que o puro materialismo te ia conduzindo.

Na meditação dos teus heróis, dos teus sábios, dos teus filósofos e dos teus santos surge assim — oh homem novo! — e ...sonha!

Surge... et ambula!